

Aspectos do exercício da autoridade na educação de adolescentes escolarizados

Geraldo Fortes Bustamante Neto¹

Resumen

Aspectos del ejercicio de la autoridad en la educación de adolescentes escolarizados

El artículo trata el tema de la adolescencia y del ejercicio de la autoridad a partir de una discusión con respecto a la relación entre profesores y alumnos del tercer (último) año de la enseñanza secundaria en una escuela pública brasileña. A lo largo del texto son tratadas cuestiones relacionadas con la necesidad de la autoridad para la maduración, la reducción del distanciamiento generacional y la falta de referencias en el mundo actual, convirtiendo la adolescencia en un ideal y acarreando consecuencias para el proceso educativo escolar y general, así como también llamando la atención para posibles nuevas formas de subjetivación humana.

Palabras clave: adolescencia, autoridad, escuela.

Abstract

Aspects of the exercise of authority in the education of adolescents

The article touches on the question of adolescence and the exercise of authority from a discussion about the relationship between teachers and students from the third (last) grade of high school at a public Brazilian school. The text deals with questions related to the need for authority for the maturation, reduction of generation gap and the lack of reference which exist nowadays, making the adolescence an ideal and bringing implications for both the educational school process and the general process and also drawing attention to probable new ways of human subjectification.

Keywords: adolescence, authority, school.

¹ Psicólogo, doctorando em psicologia (UCES), especialista em Saúde Pública, coordenação Pedagógica y em Psicopedagogia. São José dos Campos, SP, Brasil. E-mail: geraldofortes@yahoo.com.br

Resumo

Aspectos do exercício da autoridade na educação de adolescentes escolarizados

O artigo toca a questão da adolescência e do exercício da autoridade a partir de uma discussão a respeito do relacionamento entre professores e alunos do terceiro (último) ano do ensino médio em uma escola pública brasileira. Ao longo do texto são abordadas questões ligadas à necessidade da autoridade para o amadurecimento, à diminuição do distanciamento geracional e à falta de referências no mundo atual, fazendo da adolescência um ideal e trazendo implicações para o processo educativo escolar e geral e também chamando a atenção para possíveis novas formas de subjetivação humanas.

Palavras-chave: adolescência, autoridade, escola.

Introdução

No presente artigo temos por objetivo tentar compreender melhor alguns aspectos relativos à questão do exercício da autoridade na educação de adolescentes na escola nos tempos atuais. Isto é de suma importância, visto que o exercício desta é um dos pontos-chaves para a questão do encaminhamento do jovem à vida adulta, premissa básica de toda educação, área à qual este artigo se delimita. Trata-se de assunto vasto e estudado por muitos outros autores, de diferentes marcos teóricos. Aqui, o marco teórico proposto é a psicanálise de Freud.

Para tanto, adotamos como referência parte de uma monografia desenvolvida por Bustamante Neto (2010), este autor que vos escreve, para obtenção do certificado de especialização em psicopedagogia do departamento de pedagogia da Universidade de Taubaté, Brasil.

O título da referida monografia é: A escolarização na visão de alunos concluintes do ensino médio. Nela buscávamos compreender melhor algumas das consequências oriundas do processo de escolarização a que foram submetidos jovens alunos concluintes do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino público.

Para obtermos as informações necessárias utilizamos um questionário respondido por escrito em grupo e uma entrevista individual gravada com cada um dos seis alunos voluntários, três de cada sexo, entre 17 e 18 anos concluintes do ensino médio, ou seja, matriculados no 3º ano.

Embora não seja nossa intenção retomar aqui os resultados, a discussão e as conclusões gerais da monografia, usaremos um dos pontos destacados por ela e as informações obtidas através das respostas como eixo central de nossa presente discussão. O ponto a partir do qual supomos ser possível discutir os referidos aspectos é aquele relativo ao relacionamento entre professores e alunos que, evidentemente, trata-se de um recorte realizado na monografia. Tal ponto foi abordado a partir de uma questão presente no questionário, a ser respondida por escrito e outra presente

na entrevista, a ser respondida oralmente e gravada. Ambas as questões são complementares e são, segundo Bustamante Neto (2010), pela ordem, as seguintes: “Como é o relacionamento entre professores e alunos?” e em seguida, “Como deveria ser o relacionamento entre professores e alunos?”

Assim, o que pode ser observado em tal ponto é que:

...nota-se uma certa polaridade: às vezes, existe só amizade, noutras, profissionalismo, algumas vezes é bom e frio ao mesmo tempo, em outras existem professores que discriminam os alunos em contraste com aqueles que lhes dão total apoio. Os alunos indicam que existe uma certa diversidade de situações vivenciadas o que denota as diferentes maneiras de se exercer tanto a docência quanto a discência.

Outro contraste vem de respostas que afirmaram haver respeito sendo que outras respondem que este anda em falta por parte dos alunos. Também é importante ressaltar que, por parte dos alunos, parece existir uma grande demanda por amizade, disponibilidade, diálogo, proximidade, contanto que, como disse um aluno, não haja esquecimento da adoção de uma postura mais formal durante as aulas.

Na entrevista não ocorreram diferentes questionamentos, mas significativos detalhes surgiram. Em primeiro lugar, embora a demanda acima descrita persista, há a lembrança de que o professor deve ser severo o que significa ser rigoroso, sério, correto, que execute suas obrigações e mantenha sua autoridade. Em segundo lugar, surge a questão do respeito, ficando claramente explicitado que deve ser mútuo, ou seja, existem professores que não respeitam alunos e isto pode estar ocorrendo de várias formas, desde uma desconsideração para com o aluno até a própria falta de preparo para estar diante de uma sala de aula.

Por último, os alunos ouvidos parecem oferecer uma importante dica, a de que o professor pode desempenhar um papel mais marcante se procurar saber sobre os alunos, quem são e o que vivem, bastando para tanto sentar e conversar individualmente pois para muitos alunos é mais fácil conversar com o professor do que com os próprios pais. Quanta responsabilidade! (Bustamante Neto, 2010, pp. 54-55).

O que pode ser observado nas entrelinhas então? O que estão dizendo tais jovens a respeito deste momento de suas vidas, a respeito da adolescência? E o que, especificamente, estariam dizendo sobre suas relações com figuras que deveriam ser consideradas de autoridade, no caso os professores? Em que refletem o exercício da autoridade no momento atual dentro do âmbito educacional?

O trecho citado é marcado por polaridades, ora uma coisa, ora outra, na verdade parece haver grande confusão, desordem! É bastante provável que o professor não seja mais visto como uma figura de autoridade, embora a existência de tal figura seja

uma necessidade. Ora, segundo Arendt (2005), o professor, diante dos jovens deveria fazer sempre o papel de representante de um mundo, que ainda que não o tenha construído, deve por ele responsabilizar-se. Desta forma, a autoridade do professor só pode fundar-se a partir de seu papel de responsável pelo mundo. De forma mais clara então temos que se os adultos, e aqui incluímos os professores, vierem a abandonar a autoridade isto significa que também abriram mão da responsabilidade pelo mundo em que inserem os jovens.

Assim, a questão da autoridade tem mobilizado inúmeros profissionais, de diferentes áreas do conhecimento. Eles estão preocupados com as possíveis formas de exercício desta diante da atual geração de adolescentes.

Indiscutivelmente os jovens buscam referências, eles precisam encontrar-se na vida, tornarem-se responsáveis, mas isto tem sido cada vez mais difícil.

Conforme Grant (1999), parece que hoje vivemos identificações do tipo horizontal como marca na relação do adulto para com o jovem, muito diferente do que foi no passado, onde as identificações eram do tipo vertical. Parece assim que todos estão no mesmo nível, são iguais, são “amigos”, não há distanciamento entre as gerações.

Nada contra a fraternidade humana, porém, em certas situações, esta tem sido uma boa forma de se abrir mão da autoridade, da referência de fato, do modelo. Isto deveria advir da figura do adulto, do representante da autoridade. Sem tal figura que marque distância, que dê limite, que provoque movimento e que instaure desejo não pode haver crescimento, não pode haver maturidade, tampouco a cultura.

O próprio Freud, ainda na década de vinte do século passado, nos alertava para isso, ele dizia:

Apenas através da influência de indivíduos exemplares que as massas reconheçam como seus líderes é que elas podem ser movidas ao trabalho e às renúncias de que depende a continuidade da cultura. Tudo anda bem se esses líderes forem pessoas dotadas de uma compreensão superior acerca das necessidades da vida e tenham se resolvido a dominar seus próprios desejos libidinais (Freud, 1927, pp. 40-41).

Ora, vivemos um momento histórico onde a família e as instituições de modo geral, os ideais, os rituais, e as tradições parecem estar todos em crise e portanto para discutir a questão do exercício da autoridade não se pode perder de vista as conexões com tais elementos. Estamos todos, sem dúvida, muito confusos, desorientados. Como ser jovem num mundo assim? Em outros tempos, ainda lá na década de vinte, era assim:

Separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo jovem se defronta, e a sociedade frequentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação. Ficamos com a impressão de que se trata de dificuldades inerentes a

todo desenvolvimento psíquico – e, em verdade, no fundo, a todo desenvolvimento orgânico (Freud, 1929, p. 58).

Embora isto pareça que ainda devesse ser válido temos, entretanto, nos tempos atuais, outras maneiras que parecem ser assim:

O sujeito moderno, submetido ao imperativo de sair de casa (abandonar a tradição que o funda), encontra-se acuado na busca de referência dentro de um tempo e espaço sem centro fixo e submetido ao comando dos objetos. Mais do que isso, a ausência de ideais no mundo pós-moderno faz com que se avance recusando e esquecendo o que estava posto antes, cortando pela raiz todo ideal de transmissão. Cada um passa a agir como se fosse o último dos homens, não tendo mais nada a transmitir, desacreditando na geração seguinte. Não se pode apreender e usufruir do que se herda senão no ato de transmiti-lo para um outro, que constitui um futuro para o hoje. Na ausência disso, o presente se solidifica, preenchido pelo vazio. A progressiva substituição das formas de viver em comum, que organizavam o laço social em torno do primado do discurso religioso e seus ideais, pela prevalência do método científico e seus corolários implícitos, produz novas patologias, individuais e sociais (Fleig, 2000, p. 23).

Parece então que se antes haviam dificuldades normais pelas quais o jovem deveria passar, para que viesse a se constituir como adulto, hoje ele sequer sabe com o que se defrontar. Se o caminho rumo ao mundo adulto tinha um percurso necessário a ser feito e se sabia que, apesar de inúmeros tropeços, a subjetividade adulta era passível de constituição, hoje já não se tem mais tanta certeza.

Podemos constatar que incontáveis mudanças aconteceram em menos de um século. Tínhamos, anteriormente, que o jovem (ou o adolescente) deveria se defrontar com muitas dificuldades e mudanças, muitos conflitos e perdas, deveria prosseguir por um caminho que, sem dúvida, seria doloroso, mas à medida que era enfrentado trazia também consigo ares de conquista e satisfação. Havia que enfrentar a geração anterior à sua, havia que suplantar uma distância que o mantinha fora do mundo adulto, ou seja:

Estes adolescentes tinham pais com os quais entravam em conflito e o resultado era uma crise que evidenciava a “brecha geracional” (...) o adolescente que crescia se encontrava com uma geração adulta e se preparava lutando contra ela (...) conhecendo seu próprio estilo, seus erros e suas virtudes no jogo. Entre essa geração adulta e ele havia uma distância, uma brecha dada pelas diferenças das épocas que a cada uma havia sido tocado viver e da educação recebida (Di Segni Obiols, 2008, pp. 95-96)¹.

Entretanto parece não haver mais tal distanciamento e os adultos, antes aparentemente tão seguros de si e de suas responsabilidades não conseguem mais sustentar-se em sua posição. Também os jovens vivenciam cotidianamente uma educação escolar que não necessariamente garante o futuro, a existência de um desrespeito generalizado por leis e regras, a invasão da mídia eletrônica em todos os

segmentos da vida privada a ponto de ninguém mais sentir-se confiante para fazer coisa alguma em relação aos jovens sem antes buscar um especialista, a idealização da adolescência a ponto desta não mais ser considerada uma etapa mas um ideal de vida, um contexto sócio-econômico-político-cultural marcado pela globalização e que vem alterando o que se entendia à respeito de inúmeros fatores da vida. Ou seja, se os adultos, e marcadamente aqueles que se encontram na condição de pais, se encontram em dificuldades isto não será diferente com os jovens, ambas as gerações parecem estar em apuros.

O que temos visto atualmente, segundo Di Segni Obiols (2008), é uma espécie de inversão, antes os pais eram responsáveis por proporcionar afeto, proteção, transmitir conhecimentos e valores, e estavam a uma distância segura em função de uma evidente diferença de gerações. Hoje parece que querem eles próprios tornarem-se adolescentes, querem viver a vida dos filhos e serem amigos deles participando em tudo, esquecem-se de educá-los e isto, mais uma vez, abre espaço à mídia eletrônica, esta acaba por educar à sua maneira. Ser adulto, ser responsável, exercer autoridade parece, na verdade, ser um enorme fardo, ninguém quer.

Assim, como nos lembra Postman (2006), parece que vivemos num mundo onde ambos os contextos, psicológico e social, não mais enfatizam as diferenças geracionais, o resultado disso pode ser visto cotidianamente.

Portanto, de forma sucinta, parece então que se chega à adolescência e aí se permanece, dificultando uma evolução posteriormente normal. Podemos imaginar que não se chega a uma efetiva consolidação do que se conhece como ideal de ego, que seria uma espécie de convergência do narcisismo e das posteriores identificações com os pais, aqueles que os substituem (em nosso caso, os professores) e a sociedade em geral. Trata-se de um modelo ao qual todos deveriam adequar-se, sujeitar-se em função da realidade externa que se apresenta. Em contrapartida então o que parece destacar-se é um funcionamento psíquico baseado no que se conhece como ego ideal, ou seja, uma espécie de ideal narcísico de onipotência, oriundo, por sua vez, do narcisismo infantil no qual o jovem se refugia, como nos esclarece Chasseguet-Smirgel (1992).

Vivemos então, novamente segundo Di Segni Obiols (2008), num mundo que sobrepõe os valores oriundos do ego ideal sobre o ideal de ego, ou seja, imediatismo sobre espera, facilidades sobre esforço, eliminação do outro sobrepondo-se à consideração por ele. Temos aí, talvez, mais uma inversão em relação ao passado e mais uma vez devemos nos atentar aos resultados disso, segue-se desejando e atuando desmedidamente, não há amadurecimento, não há adultez. Tais aspectos discutidos ajudam a explorar melhor a questão do exercício da autoridade na educação de nossos adolescentes escolarizados.

Conclusão

Se retornarmos então ao que foi exposto pelos alunos no início deste artigo, referente ao relacionamento entre estes e seus professores, poderemos infelizmente concluir o

mesmo que Lajonquière (1999), ou seja, que o distanciamento geracional vivido em outros tempos era exatamente o que favorecia o funcionamento daquilo que podemos chamar de dispositivo de educação escolar. Mais especificamente, poderemos dizer que, num sentido amplificado, aquilo que hoje se entende por educação, que seria toda transmissão do adulto para o jovem, vem sendo perdido rapidamente.

Assim, a principal questão da qual realmente parecemos distantes é aquela à respeito do objetivo essencial da educação, sua função mais básica e genérica, que ainda segundo Lajonquière (1999), seria a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, fazendo com que a busca da satisfação não se efetue mais de forma imediata mas mediada antes pela realidade externa.

Também, em função do que fomos expondo, podemos estar sim, de certa forma, conforme Bigum e Green (1993), diante de novas formas de subjetivação humanas, questão esta que se torna extremamente relevante em qualquer debate sério a respeito da educação atual. Teríamos então como marca do descompasso, ainda a mesma escola porém não mais os mesmos jovens, os mesmos alunos, tampouco os professores parecem ser os mesmos! Onde será que isto vai dar?

Assim, o que se pode supor é que vivemos na educação em geral e na escola em particular, modificações no exercício da autoridade, possivelmente como uma ramificação de modificações no exercício da autoridade na sociedade, talvez até mesmo um declínio desta, trazendo conseqüências tanto para a educação quanto para a subjetivação das novas gerações e que ainda estamos apenas começando a compreender embora já possamos vivenciá-las. Ressaltamos também que é possível que outros aspectos, não discutidos aqui, podem estar ligados à questão.

Tais conclusões, que na verdade devem ser tomadas como hipóteses, visam apenas ampliar os conhecimentos já existentes sobre a educação na adolescência, suas vinculações com a questão do exercício da autoridade e os processos de subjetivação humanas. São hipóteses que devem nos fazer pensar e que, certamente, implicam-se de forma mútua. Ainda há muito por fazer!

Referências bibliográficas

Arendt, H. (2005). *Entre o passado e o futuro* (5a ed.). São Paulo: Editora Perspectiva.

Bigum, C. & Green, B. (1993). Aliens in the classroom?. *Australian Journal of Education*, 37(2), Camberwell, ACER Press, pp. 119-141

Bustamante Neto, G.F. (2010). *A escolarização na visão de alunos concluintes do ensino médio*. Monografia de Especialização em Psicopedagogia, Universidade de Taubaté, Taubaté.

Chasseguet-Smirgel, J. (1992). *O ideal do ego*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

Di Segni Obiols, S. (2008). Ser adolescente em la posmodernidad. En Di Segni Obiols, S. e Obiols, G. *Adolescência, posmodernidad y escuela: la crisis de la enseñanza media* (pp. 75-131). Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.

Fleig, M. (2000). A tese do declínio da imago social do pai e o deslocamento da autoridade. En *Anais do II Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI: A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno* (pp. 21-30). São Paulo, IP/FE-USP.

Freud, S. (2011). *O futuro de uma ilusão*. Porto Alegre: L&PM (Trabajo original publicado 1927).

Freud, S. (2002). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora (Trabajo original publicado 1929).

Grant, W. H. (1999). O declínio da função paterna na atualidade. Em *Anais do I Colóquio do Lugar de Vida/LEPSI: A psicanálise e os impasses da educação*, São Paulo, IP/FE-USP, pp. 70-76.

Lajonquière, L. (1999). *Infância e ilusão (psico)pedagógica: escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Postman, N. (2006). *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial.

Artículo recibido: 15/08/2011

Aceptado para su publicación: 10/10/2011